

# COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana

O AGRAVAMENTO DO PRECARIADO PROFESSORAL  
NA PANDEMIA COM ÊNFASE NA PRÁTICA DOS  
PROFESSORES DE GEOGRAFIA NESSE PERÍODO

Rio de Janeiro

2022



Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana

O AGRAVAMENTO DO PRECARIADO PROFESSORAL NA PANDEMIA COM  
ÊNFASE NA PRÁTICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NESSE PERÍODO

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Professora Orientadora Lucia Maria de Baère Naegeli, M.<sup>a</sup>

Rio de Janeiro

2022

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

V614 Viana, Lucas Kelvin Santoro Montenegro

O agravamento do precariado professoral na pandemia com ênfase na prática dos professores de geografia nesse período/ Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana. - Rio de Janeiro, 2022.

28 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Lucia Maria de Baère Naegeli.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Pandemia. 3. Professores de geografia. I. Naegeli, Lucia Maria de Baère. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana

O AGRAVAMENTO DO PRECARIADO PROFESSORAL NA PANDEMIA COM  
ÊNFASE NA PRÁTICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NESSE PERÍODO

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: 27/09/2022.

Banca Examinadora:

Orientadora:

M<sup>a</sup>. Lucia Maria de Baère Naegeli – Colégio Pedro II

Dr. Demian Garcia Castro

Colégio Pedro II

Dr. Leonardo Marino

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

# **O AGRAVAMENTO DO PRECARIADO PROFESSORAL NA PANDEMIA COM ÊNFASE NA PRÁTICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NESSE PERÍODO**

Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana

**Resumo:** Este artigo surge a partir da constatação que a precarização da classe docente pode afetar a qualidade do ensino de geografia, sofrendo um agravamento no contexto pandêmico. Buscou-se investigar o possível aumento do que chamamos de precariado professoral em 2020 e 2021, com a pandemia, e entender como se deu esse agravamento. Para tal, realizamos uma pesquisa descritiva baseada em uma bibliografia acertiva e na aplicação de um questionário com professores de geografia pós-graduandos. Neste trabalho, utilizamos autores relevantes ao tema além de entrevistas que nos auxiliaram a alcançar nossos objetivos. Ao longo dessa pesquisa, tentamos entender como a pandemia afetou e potencializou ainda mais a trajetória precária dos profissionais da educação, com ênfase na prática dos professores de Geografia nesse período.

**Palavras-chave:** Precariado professoral; Professores de geografia; Pandemia.

# **THE AGGRAVATION OF THE PROFESSIONAL PRECARIOUSNESS IN THE PANDEMIC WITH EMPHASIS ON THE PRACTICE OF GEOGRAPHY TEACHERS IN THIS PERIOD**

Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana

**Abstract:** This article arises from the realization that the precariousness of the teaching class can affect the quality of geography teaching, suffering a worsening in the pandemic context. We sought to investigate the possible increase in what we call the professorial precariat in 2020 and 2021, with the pandemic, and to understand how this worsening took place. To this end, we carried out a descriptive research based on an assertive bibliography and on the application of a questionnaire with postgraduate geography teachers. In this work, we used authors relevant to the topic in addition to interviews that helped us to achieve our goals. Throughout this research, we tried to understand how the pandemic affected and further enhanced the precarious trajectory of education professionals, with an emphasis on the practice of Geography teachers in this period.

**Keywords:** Teacher precariat; Geography Teachers; Pandemic.

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO:</b> .....	8
<b>2. CARACTERÍSTICAS DO PRECARIADO PROFESSORAL</b> .....	9
<b>3. SERIA A PROFISSÃO DOCENTE SUBSTITUÍVEL?</b> .....	12
<b>4. A PRECARIZAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA PANDEMIA..</b>	13
<b>5. QUESTIONÁRIO: MERGULHANDO UM POUCO MAIS FUNDO NESSA PROBLEMÁTICA</b> .....	15
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	18
<b>7. BIBLIOGRAFIA</b> .....	21
<b>8. AGRADECIMENTOS</b> .....	28

## ANEXOS:

Anexo I .....	25
Anexo II .....	26
Anexo III .....	26
Anexo IV .....	27
Anexo V .....	27

## 1. INTRODUÇÃO:

De acordo com o professor Luiz Augusto Campos, em sua aula sobre a estruturação de uma pesquisa, problemas de pesquisa são fundamentais para estruturação de qualquer texto acadêmico, e, a partir dele, outras fases da pesquisa são estruturadas. Não existe pesquisa sem um problema de pesquisa, pois não faz sentido fazer uma pesquisa onde as perguntas já foram respondidas. A partir disso, entende-se que o problema de pesquisa deve ser construído pelo pesquisador e é preciso que seja construída uma narrativa em torno dele.

Deste modo, segundo o professor Luiz Augusto Campos, os problemas vêm do nosso cotidiano. Uma interligação entre interesse pessoal, interesse acadêmico e interesse coletivo. E justamente nessa interligação surge a motivação para a realização deste trabalho. Durante minha formação fui entendendo os desafios de ser um educador. Ao longo de aulas sobre filosofia, sociologia e psicologia da educação, fui compreendendo que ser professor não é uma tarefa fácil, tampouco uma tarefa bem vista pela sociedade, e, de forma alguma, bem remunerada. Como cita Frigotto, (2018), “O professor é cada vez mais oriundo de classe média baixa e de classe popular. [...] Então, do ponto de vista da sociedade, este é um trabalhador menor.”

Este trabalho nos traz uma análise sobre a precarização docente, e, para isso utilizamos a definição de precariado professoral da professora Amanda Moreira da Silva, na qual ela entende:

[...] o precariado professoral como uma camada do professorado composta por profissionais que vivem sob condições degradantes, aliando sobrecarga profissional, falta de perspectiva de uma carreira com acréscimos salariais ou licenças especiais decorrentes do tempo de serviço, baixa remuneração, insegurança, desamparo, ausência de salário no período de férias, em que não vigora o contrato, falta de reconhecimento e valorização social.” (SILVA, 2019, p.9)

Tenho, portanto, a percepção de que na pandemia houve o agravamento das condições do precariado professoral. Busco aqui constatar tal fato. Acredito, então, ser extremamente importante problematizar e manter atualizada a discussão sobre a composição do precariado professoral em tempos de crise.

Neste âmbito, surgem neste trabalho algumas questões norteadoras que nos ajudaram a contextualizar e entender essa temática, são elas: “Como a precarização da classe docente vem afetando a qualidade do ensino de geografia nos dias atuais, dentro do contexto de pandemia?” e “Houve um agravamento do que chamamos de precariado professoral em 2020 com a pandemia? Se sim, como se deu esse processo?”.

Lopes et al. (2020), fala em seu texto sobre a atuação de professores de geografia durante a pandemia em 2020. Ele afirma que o funcionamento dos sistemas de ensino (públicos e particulares) e dos níveis de ensino (educação básica e superior) foram muito impactados. A geografia foi tão impactada, ou até mais, que outras disciplinas. Deste modo, ele nos mostra como a qualidade do ensino de geografia pode ter sido afetada ao longo desses longos meses de ensino remoto/híbrido.

Já Katia Reis de Souza et al.. (2020), em seu artigo sobre o trabalho docente na pandemia, afirma que os professores passaram por um processo de reestruturação, deste modo, ela aponta que há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente,

em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores. A autora exemplifica o fato com a contratação de muitos professores de forma temporária:

Em termos concretos, essa modalidade de relação (precarizada) de trabalho contribui para o que se designa como ‘desprofissionalização docente’, considerando, inclusive, a possibilidade de prescindir de qualificação específica para ministrar aulas. A contratação do professor eventual, aquele que geralmente é convocado minutos antes do início da aula, muitas vezes sem o planejamento pedagógico necessário, é um exemplo. A uberização é um fenômeno mundial da nova configuração do trabalho que reafirma uma história de acúmulo de precariedades, exacerba o isolamento do trabalhador(a) e fragiliza ainda mais processos de organização coletiva do trabalho. (2020, p.5.)

Nota-se, portanto, que a nova configuração do trabalho docente ganha novos níveis de precarização. Hoje podemos citar a “uberização” do professor como sendo o ápice da desvalorização professoral. O próprio nome deriva da empresa Uber, e torna os trabalhadores cada vez mais informais.

Ao longo deste artigo, buscou-se responder as questões propostas através de uma bibliografia focada na precarização do professor de modo geral, mas com um foco mais específico na sua prática durante a pandemia de 2020/2021. Nossas questões problematizadoras ajudaram a selecionar a bibliografia lida.

## **2. CARACTERÍSTICAS DO PRECARIADO PROFESSORAL**

Em relação à revisão bibliográfica, tem-se em mente que essa revisão de literatura se refere à fundamentação teórica que será adotada para tratar o tema e o problema de pesquisa. Por meio da análise da literatura publicada será traçado um quadro teórico que fará a estruturação conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa.

A mercantilização do ensino é um fator que contribui diretamente para a precarização docente. Há algumas décadas sofremos tal impacto, como cita Ricardo Antunes:

O capitalismo no plano mundial, nas últimas quatro décadas, transformou-se sob a égide da acumulação flexível, trazendo uma ruptura com o padrão fordista e gerando um modo de trabalho e de vida pautados na flexibilização e na precarização do trabalho. São mudanças impostas pelo processo de financeirização e mundialização da economia num grau nunca antes alcançado, pois o capital financeiro passou a dirigir todos os demais empreendimentos do capital. (ANTUNES, 2018, P.153).

Em uma historinha publicada na revista Chico Bento, na edição número 256, de novembro de 1996 pela Editora Globo, Dona Marocas, professora do Chico, chora ao receber seu pagamento mensal. A charge, que em breve completará três décadas de existência, mostra que, embora o tempo avance, a situação do professor no Brasil não parece mudar. É sabido por todos e claramente exposto na sociedade que a classe docente no Brasil é extremamente desvalorizada. O conceito de precarização docente é baseado

em vários critérios, e, na tirinha mostrada abaixo, nota-se um deles, a baixa remuneração da categoria que influencia completamente no seu desempenho.

**Imagem 1: Tirinha de Maurício de Souza, 1996**



Historinha publicada na revista Chico Bento, na edição número 256, de novembro de 1996. Editora Globo.

Segundo Tardif (2013), na maioria dos países da OCDE, o salário dos professores não aumentou desde a década de 1990, além disso, na América Latina, dezenas de milhares de professores não têm empregos estáveis, tampouco permanentes. Em vez disso, trabalham por dia, por meio dia, ou até mesmo por aula ou por hora.

Mas a baixa remuneração não é o único fator que contribui para o precariado professoral. Como cita Silva & Motta, 2019, a precarização docente é baseada em vários critérios, uma vez que esta classe atua sob algumas condições degradantes. Tais critérios são: sobrecarga profissional; falta de perspectiva de uma carreira com acréscimos salariais ou licenças especiais decorrentes do tempo de serviço; insegurança e desamparo; ausência de salário no período de férias, em que não vigora o contrato; falta de reconhecimento e valorização social.

Ao desenvolver cada um desses pontos podemos dizer que a sobrecarga de trabalho se caracteriza pelo excesso de demandas, jornadas de trabalho excessivamente longas, prazos curtos e outras questões que contribuem para a pressão sobre o professor.

Há também uma grande falta de perspectiva relacionada a possíveis acréscimos salariais, uma vez que o salário de um professor é um dos mais baixos dentre os profissionais de nível superior.

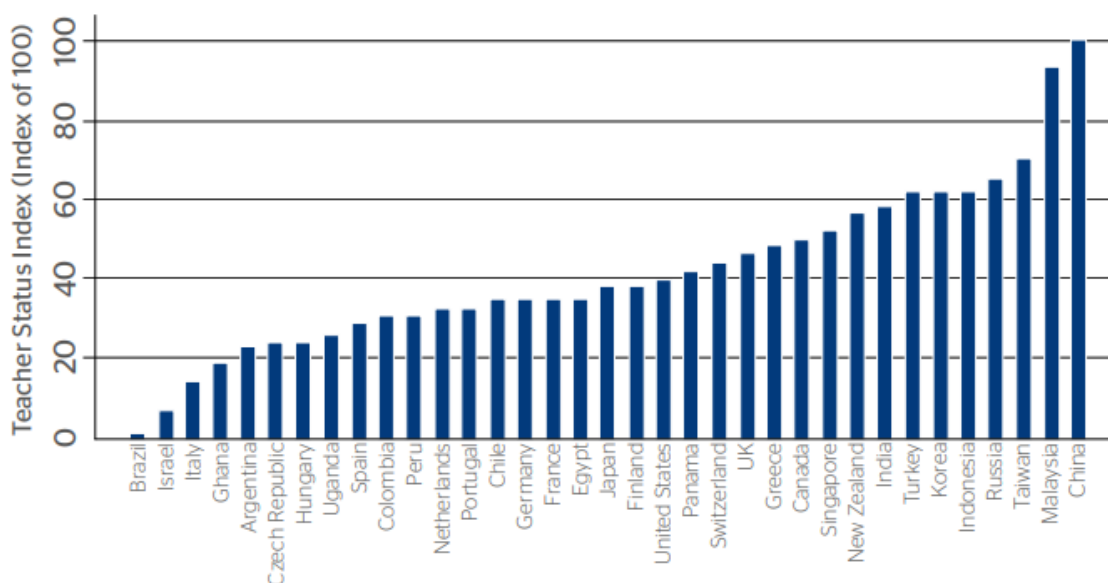
Segundo Silva & Motta, 2019, os professores

vivem em situação de insegurança social e econômica, não possuem identidades ocupacionais, são constantemente atraídos e expelidos das redes públicas e vivem constantemente preocupados com seus rendimentos, que podem não existir mais a qualquer momento. (SILVA & MOTTA, 2019 P.10)

Quando se fala que um dos critérios que define o precariado professoral é a insegurança e o desamparo, é preciso pensar que o salário com o qual o professor sobrevive pode não existir mais de um ano para o outro, isso gera uma instabilidade emocional extremamente preocupante e que pode influenciar diretamente no desempenho do professor em sala de aula. A ausência do salário no período de férias gera também uma falta de estabilidade financeira que acaba contribuindo para a insegurança do professor. Como pode um professor passar dois meses sem renda entre dezembro e janeiro?

Em relação à falta de reconhecimento e valorização social, é preciso entender que segundo o relatório Global Teacher Status 2018, elaborado pela Varkey Foundation, o prestígio da profissão no Brasil tem o pior índice entre 35 países avaliados.

**Gráfico 1: Índice Global de Status do Professor**



35 survey countries indexed on a relative scale 1-100

Gráfico retirado do relatório Global Teacher Status 2018, elaborado pela Varkey Foundation.

Tal relatório é baseado na opinião aprofundada de especialistas em educação de 21 países que explora as atitudes sobre questões que vão desde o que é um salário justo para os professores até se eles acham que os alunos respeitam os professores e quão altamente as pessoas classificam seu próprio sistema educacional. Houve muitas

comparações internacionais na educação, mas está é a primeira vez que o papel do status do professor tem sido estudado com profundidade.

É preciso entender que o precariado professoral é uma condição que está diretamente ligada à mercantilização do ensino. Ao longo do último século, o avanço do neoliberalismo fez com que, cada vez mais, as escolas, de modo geral, virassem uma espécie de organização onde seu principal objetivo é obter lucros. Christian Laval, em seu livro “A escola não é uma empresa” aponta que:

O novo modelo escolar e educativo que tende a se impor está fundamentado, inicialmente, na sujeição mais direta da escola à razão econômica. Ele depende de um "economismo" aparentemente simplista cujo axioma principal é que as instituições, em geral, e as escolas, em particular, só têm sentido dentro do serviço que elas devem prestar às empresas e à economia. (LAVAL, 2019, p.3.)

Sendo assim, nos vemos diante de um modelo onde a cultura de mercado ganha espaço, e, neste cenário os professores exercem um ofício que perdeu muito de seus benefícios simbólicos, como cita Laval. A classe de professores vem sendo vista, cada vez mais, como uma parcela descartável e sem valor na sociedade contemporânea.

Um dos pontos que atinge diretamente a classe de professores no Brasil hoje, e, dentro desses, dos professores de geografia é a dificuldade de inserção no mercado de trabalho ao terminar a faculdade. Pode-se dizer que o mercado de trabalho para professores, e, principalmente para os professores das ditas ciências humanas está saturado. Existe, e neste caso, falo do Rio de Janeiro como exemplo de uma grande capital, onde há mais mão-de-obra disponível do que empregos em sala de aula. Neste caso, apenas um diploma não é suficiente para o ingresso no mercado de trabalho, o que faz com que muitos professores passem por longos períodos de desemprego antes de começar a atuar em sua profissão. As empresas exigem experiência, mas isso se torna um paradoxo a partir do momento que você precisa ser contratado para ter tal experiência. Nessa esfera, Laval afirma que:

A tendência atual à não-institucionalização da relação entre o diploma, a qualificação e o ofício, decorre desse enfraquecimento das posições dos assalariados que encontram cada vez menos segurança nas instituições e referências estáveis quanto ao que eles valem e ao que eles são e que, em consequência, se tomam culpados pela sua sorte. Com efeito, a transformação do mercado do trabalho acentuou a vulnerabilidade dos detentores de títulos escolares, aos quais se pediu uma experiência profissional, ou, ao menos, um "treinamento", através de múltiplos estágios e empregos precários. (LAVAL, 2019, p.19.)

### **3. SERIA A PROFISSÃO DOCENTE SUBSTITUÍVEL?**

Ao falar da falta de reconhecimento e valorização social é preciso entender que estamos diante de uma profissão de nível superior onde os graduados acabam sendo considerados por muitos, substituíveis.

Existem algumas organizações que atuam no Brasil hoje que contratam profissionais de outras áreas, sem formação docente, para serem professores. Dedico um

espaço neste trabalho para falar de uma delas, o Ensina Brasil. Tal organização se apresenta como “uma organização sem fins lucrativos que visa mobilizar mais talentos e desenvolver lideranças para transformar a educação, começando pela sala de aula.” Diante disso, o Ensina Brasil contrata pessoas das mais variadas áreas para atuarem em sala de aula, não havendo a premissa de que a pessoa tenha cursado a licenciatura. Nesse âmbito, os contratados passam por um mês de treinamento, para entrarem em sala de aula. Tal organização do terceiro setor leva professores contratados para dentro de escolas da rede pública, e, ressaltado, sem que estes tenham formação na área.

Segundo dados do site do Ensina Brasil, em cinco anos de atuação, tal programa teve mais de 68000 inscrições e uma concorrência mais alta do que a do curso de medicina da USP, Universidade de São Paulo, famosa por ser considerada a melhor da América Latina. Tal fato, o qual tal programa faz questão de se vangloriar, demonstra que milhares de pessoas buscam ingressar na sala de aula, sem nunca terem estudado um mínimo de educação e pedagogia. A formação pedagógica parece não se mostrar necessária nesse caso.

Outros dados demonstram que, 75% dos participantes que se tornam professores ao longo deste programa seguem trabalhando com educação.

#### **4. A PRECARIZAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA PANDEMIA**

A pandemia de 2020/21 é considerada a maior crise global desde a Segunda Grande Guerra que teve fim em 1945, primeira metade do século passado. A crise pandêmica causou, dentre outras coisas, um grave declínio de postos de trabalho. Segundo a coluna de Ancelmo Gois no jornal O Globo de 16 de fevereiro de 2021, em função da pandemia, 150 escolas particulares fecharam as portas no Rio de Janeiro. Do ponto de vista econômico, pode-se dizer que tal crise acentuou consideravelmente as desigualdades sociais impostas pelo capitalismo global, cujo lucro é gerado a partir da multiplicação do trabalho precário e da exploração do trabalhador de modo geral. As desigualdades sociais no Brasil são extremamente sentidas pela classe de professores que aqui atuam, uma vez que houve, além do desemprego, durante a crise, toda uma reestruturação do trabalho docente. Neste sentido, Katia Reis et al, afirmam que:

Há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores. Na prática, a intensificação do trabalho constitui-se em uma forma de gestão e organização do trabalho, que impõe metas e extensão da jornada de trabalho. (REIS et al, 2020, P.5).

O trabalho remoto fez com que os docentes fossem submetidos a novas mudanças e novas exigências relacionadas à organização do trabalho que inevitavelmente, acabaram resultando em uma sobrecarga laboral e burocrática. Logo, nota-se que a pandemia contribuiu de várias maneiras para agravar a precarização do professor no Brasil.

A falta de emprego seguro nas instituições privadas faz com que exista uma total falta de estabilidade para os professores recém formados. Cabe ressaltar que, ao longo da pandemia, o número de concursos públicos no Brasil caiu muito, o que faz com que dar aula na rede pública seja uma opção distante para os novos professores.

Ao longo da pandemia, diversos professores afirmaram ter sua carga horária aumentada enquanto seus salários permanecem os mesmos, e, em alguns casos, diminuíram. Isso mostra que, se outrora a classe de professores já era precarizada, na

pandemia a questão atingiu outro nível. Nesse momento, professores têm sua carga horária aumentada por conta de um novo modelo de ensino: o modelo online. Este modelo que já era utilizado em algumas escolas ganhou espaço no cenário educacional durante a pandemia. Sob o mesmo ponto de vista, Laval diz que:

[...] verifica-se que a colocação on-line dos cursos permite, em numerosos casos, impor aos professores normas pedagógicas sob a forma e a base de produtos pedagógicos cada vez mais calibrados e aumentar sua carga de trabalho. (LAVAL, 2019, P.36)

Nota-se, portanto, que mesmo antes da pandemia já se sabia que a implantação de um modelo online acarreta na sobrecarga de trabalho para os professores. Acredito que o ponto que se deve debater e entender é o fato de que a remuneração, em geral, se mantém a mesma ou diminui.

No ambiente escolar, os professores começaram a lidar, como citado acima, com o desconhecido. Novos modelos foram implantados em sala de aula e, os docentes foram forçados a se adaptar aos mesmos. De acordo com Katia Reis et al:

No tocante ao cenário de pandemia, o confronto com o desconhecido pode gerar angústia e se transformar em ansiedade, pânico e, dependendo da forma como se lida com a situação, sobretudo naqueles que já apresentavam algum tipo de sintoma, o desencadeamento de problemas no âmbito da saúde mental é uma evidência.

(REIS et al, 2020, P.8.)

O impacto da pandemia na saúde mental dos professores é, de fato, preocupante. Sabemos que a classe de professores já lida com uma série de estresses no dia-a-dia oriundos das condições de trabalho a que são submetidos. Tais manifestações se agravaram com a pandemia por conta de uma série de novas atribuições que se tornaram responsabilidade dos professores. Um exemplo disso, evidenciado acima, é o fato de os professores precisarem reestruturar toda sua forma de trabalhar e migrar para um modelo on-line e/ou híbrido. O processo de ensino por novas plataformas digitais ganhou força neste período. Ele se dá tanto por aulas em tempo real (síncronas), diretamente entre professor e aluno, quanto por aulas gravadas (assíncronas). Os professores precisaram aprender a utilizar novas plataformas digitais, como por exemplo o moodle e o google (forms, meet etc).

Neste cenário, o professor, durante a pandemia, começou a utilizar de forma frequente o próprio aparelho celular como objeto de trabalho. A utilização do número pessoal para realizar funções cotidianas ligadas à sala de aula se tornou comum, e, naturalmente isso contribui para a sobrecarga do professor, uma vez que se torna extremamente difícil a separação entre a vida pessoal e a vida profissional. Nesse novo universo, o professor perde privacidade e tem sua vida pessoal invadida por alunos e colegas de trabalho de forma forçada.

Nessa nova modalidade pandêmica, a estrutura da rotina do professor é completamente abalada. Novas dificuldades se formam. Nota-se uma maior dispersão dos alunos nas aulas, e, como cita LOPES et al, (2020):

Os problemas de ordem pedagógica também são muitos, principalmente a dificuldade de “transmitir” o conhecimento diante a redução do tempo de aula, diante da dificuldade de os alunos acompanharem o ritmo da aula, da falta de apoio de alguns

familiares, da desatenção que é constante nas aulas remotas. (LOPES et al, 2020, p .4.)

Quando falamos especificamente dos professores de geografia, entendemos que as dificuldades encontradas durante a pandemia são imensas. Claro que precisamos citar que há um abismo no que se relaciona ao funcionamento da rede pública ou privada. É preciso citar também que existem diferenças dentro da própria rede pública, uma vez que o ensino federal é diferente do estadual, que, por sua vez, é diferente do municipal, mas não é nosso objetivo adentrar profundamente em tais diferenças. De certo modo, as dificuldades foram sentidas por todos em diferentes escalas. Os conteúdos geográficos mais “fáceis” de serem lecionados neste atual contexto são aqueles que podem ser trabalhados de maneira mais “teórica”, se é que podemos dizer assim. Estamos diante de uma situação que potencializou a precarização docente, e, dentro desta, a precarização do professor de geografia. Lopes et al, (2020) realizou uma pesquisa com alguns professores de Geografia do Ceará e apontou que:

[...] existem algumas dificuldades e particularidades em relação a atuação do professor de Geografia. Um dos respondentes aponta ao fato da impossibilidade em relação às aulas de “geografia física” a realizarem trabalhos e aulas de campo, do mesmo modo que também nos foi apontado sobre os problemas para as discussões nos momentos de aulas atreladas a conteúdos de “geografia humana”. E isso é estritamente impossibilitado nesse momento em vista do isolamento social explicado anteriormente e da debilidade que as aulas remotas infelizmente vêm apresentando. (LOPES et al, 2020, P.4.)

O isolamento, consequência da pandemia, contribuiu para o afastamento do contato entre professor e aluno. A geografia, enquanto ciência da educação básica, foi diretamente afetada por isso, como vimos acima. A pandemia de 2020/21 reforçou de forma violenta os vários problemas históricos sociais que vêm acompanhando a educação brasileira como um todo.

Para aprofundar um pouco mais essa temática, realizamos uma pesquisa para buscar entender a situação dos professores de geografia no Rio de Janeiro, durante a pandemia.

## **5. QUESTIONÁRIO: MERGULHANDO UM POUCO MAIS FUNDO NESSA PROBLEMÁTICA**

Segundo Gil (2002), em seus estudos sobre como realizar uma pesquisa científica, a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. Podemos classificar esta pesquisa como sendo uma pesquisa de natureza exploratória descritiva. A análise de conteúdo pode ser quantitativa ou qualitativa. Neste caso, seguimos uma abordagem qualitativa.

É preciso entender que um questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre um determinado tema. O objetivo deste é traduzir a informação desejada em um conjunto de perguntas específicas e deve ser elaborado de maneira a minimizar os erros nas respostas. Neste artigo, busca-se levantar as opiniões dos participantes, sendo assim, uma pesquisa qualitativa. As experiências e vivências

foram consideradas. Nos questionários o público alvo foram alunos da Pós-Graduação em Teorias e Práticas da Geografia Escolar do Colégio Pedro II.

Diante disso, temos como recorte temporal para este trabalho os anos de 2020 e 2021, por conta da crise global gerada pela pandemia e como recorte espacial a cidade do Rio de Janeiro, por ser o local onde o curso de Pós-Graduação do Colégio Pedro II está inserido.

Todo o procedimento legal para a aplicação dos questionários foi organizado de acordo com as regras do Conselho de Ética em Pesquisa do Colégio. Trabalhamos com um universo pequeno, por conta das limitações da pandemia e das exigências feitas pelo Conselho de Ética.

É preciso enfatizar que não buscamos realizar nenhuma afirmação categórica ao desbravar os resultados e respostas de nosso questionário. Pelo contrário, buscamos constatar alguns fatos, dentro do número de professores analisados, apenas.

Foram entrevistadas vinte e uma (21) pessoas, e, dentre elas, 81% faziam parte da faixa etária entre 32 e 35 anos de idade. 19% possuía mais de 35 anos. 76,2% dos entrevistados são do gênero masculino, enquanto 23,8% são do gênero feminino. Não houve indicações de outros gêneros. Espacializando a pesquisa, é possível verificar a diversidade de bairros onde os participantes residem. Dos 21 que responderam o questionário, há uma variedade de 19 bairros pertencentes ao estado do Rio, alguns da capital e outros da região metropolitana.

14% dos entrevistados ainda não atuam em sala de aula, outros 9% lecionam fora da cidade do Rio de Janeiro. O restante atua como professor de geografia dentro da cidade do Rio. Os que não atuam em sala de aula foram entrevistados pois estão tentando se inserir no mercado de trabalho, e não atuam justamente pela dificuldade dessa inserção.

A primeira pergunta do questionário era a seguinte: Você atua como professor de geografia atualmente? Se sim, indique se você atua em uma escola pública, privada ou de forma autônoma (Professor particular). Tal pergunta tem o objetivo de elucidar qual a realidade profissional dos professores formados entrevistados.

É preciso entender que, segundo Amanda Moreira da Silva:

Considerando que a categoria docente não é homogênea – e que há distintas formas, tendências e graus de exploração do trabalho docente no Brasil – a precarização perpassa o setor estável (concursado) do professorado sob as mais diferentes nuances, no entanto, ela é ainda mais intensa em alguns estratos específicos de trabalhadores. (SILVA, 2020, P.589)

Assim, conseguimos assimilar que a classe de professores não é homogênea, e, mesmo assim, é afetada pela precarização de diferentes formas.

De acordo com as respostas, 42% dos entrevistados atuam na rede privada, 33% atuam na rede pública, 14% não está em sala de aula no momento, 4% se autodenominam como profissional autônomo e um entrevistado afirmou que atuou até dezembro de 2021 em uma escola privada até ser demitido por expressar sua insatisfação com as condições de trabalho. Portanto, este último não atua como professor, mas atuava quando a pesquisa teve início o que faz o número subir de 14% para 19%. Tal fato é extremamente importante para nossa pesquisa, uma vez que, entendemos e visualizamos de forma concisa que as condições geradas para com a classe docente durante o período da pandemia, gerou uma série de insatisfações, que, em certos casos, acabou ocasionando processos de demissões, como foi o caso exemplificado acima.

Na segunda pergunta do questionário, foi utilizada a definição de Precariado Professoral de “SILVA; DA MOTTA, (2019)”, para realizar o seguinte questionamento:

Você se sente inserido dentro desta camada (camada do precariado professoral)? Se se sentir confortável justifique sua resposta.

85,7% dos entrevistados afirmou que se sente sim, inserido dentro desta camada. Um número bem expressivo e que, neste ponto do trabalho, nos deixa em alerta, mas não surpresos. Alguns dos motivos usados para justificar a resposta positiva foram: a falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho, a ausência de reajuste salarial, o aumento expressivo das demandas burocráticas no serviço, condições de trabalho precárias, ausência de infraestrutura, materiais de apoio deficitários, sobrecarga de trabalho totalmente incompatível com o salário ganho, ausência de planos de carreira, baixa remuneração, assédio moral, falta de reconhecimento, falta de perspectiva, atrasos no pagamento, perda de direitos trabalhistas ligados à CLT, ausência de benefícios, como por exemplo, o vale transporte, dentre outros.

Além disso, um dos entrevistados afirmou que começou uma segunda graduação visando mudar de área. Nota-se com isso, que, a precarização da classe docente contribui para uma evasão professoral, onde professores acabam abandonando suas carreiras em busca de melhores condições, embora não possamos generalizar.

9% dos entrevistados disseram que não se sentem parte desta camada, mas admitem que a profissão de professor de geografia tem sido cada vez mais precarizada. Nossa terceira pergunta desejava saber se os entrevistados acreditavam que a precarização da educação, e, dentro dessa, a precarização do professor se intensificou com a pandemia de 2020/21.

Apenas um (1) entrevistado afirmou que, no caso dele, a precarização não foi intensificada. Todos os outros 95% afirmaram que sentiram a intensificação da precarização durante a pandemia. Os motivos mais citados foram a sobrecarga de trabalho, a péssima remuneração e a o aumento da jornada de trabalho.

Em nossa quarta pergunta, questionamos se os participantes da pesquisa tinham conhecimento sobre escolas que encerraram as atividades durante a pandemia.

42,8% dos entrevistados responderam que sim e 57,2% responderam que não. Um dos entrevistados afirmou que a escola de bairro, no qual atuava, “fechou as portas”. Outro, por sua vez, afirmou que tem conhecimento sobre duas grandes escolas tradicionais da baixada fluminense que decretaram falência por conta da pandemia. Isso nos traz a percepção de que existem menos locais para se trabalhar dentro da profissão docente, conseqüentemente, mais desemprego para os professores de geografia.

Em nossa quinta pergunta, questionamos os entrevistados sobre a perda de emprego de professores de geografia durante a pandemia. As respostas foram exatamente o inverso das respostas da pergunta anterior: 57,2% dos entrevistados afirmou que sim e 42,8% afirmou que não. Dentro desses, um afirmou que ele próprio foi demitido por conta de um corte de verbas na escola na qual atuava por conta da pandemia. Já um segundo entrevistado completou afirmando que embora não tivesse conhecimento sobre professores que perderam o emprego durante a pandemia, conseguiu notar que a contratação de novos professores foi dificultada. 57,2% é um número bem expressivo quando falamos de demissões por um motivo específico.

A sexta pergunta do nosso questionário foi a seguinte: “Pessoalmente você se sentiu desvalorizado profissionalmente dentro de sua carreira como professor por conta da pandemia?” 81% dos entrevistados afirmaram que sim, enquanto apenas 19% afirmou que não.

Dentre os que responderam a pergunta, as justificativas mais utilizadas foram o longo período sem abertura de concursos e o aumento das demandas de trabalho.

Nossa última pergunta girou em torno da implicação das condições desfavoráveis de trabalho sobre o ensino de Geografia na educação básica. 90,4% afirmou que sim. 4,7% afirmou que não e 4,7% afirmou que não conseguia responder.

Foi perguntado aos que responderam sim, como eles acreditavam que ocorria essa precarização das condições de trabalho na geografia. Dentre as justificativas dos que responderam “sim”, foram citados alguns pontos específicos. Alguns deles são: a desmotivação do professor por falta de estrutura; a geografia não tem sido vista como uma ciência importante; a falta de valorização do professor; a vulnerabilidade das condições de trabalho; redução da qualidade das aulas; salários cada vez mais incompatíveis com o trabalho.

## 6. CONCLUSÃO

Diante dos fatos expostos, pode-se concluir que a precarização do professor de modo geral afeta diretamente a qualidade do ensino. Em relação à geografia não é diferente. A precarização do professor afeta, e muito, a qualidade das aulas de geografia na educação básica. Essa precarização foi potencializada pelo contexto pandêmico dos últimos anos. Tal contexto veio reforçar uma gama de problemas históricos, econômicos e sociais que vêm acompanhando a educação brasileira como um todo. É preciso entender e considerar que a interação do aluno com o professor em sala de aula ainda compreende a forma mais impactante para se construir o processo de ensino-aprendizagem. As aulas remotas de geografia estão longe de serem uma forma ideal para a construção de conhecimento dentro desta ciência.

A geografia muito saiu desvalorizada, por conta das novas formas de ensino as quais os professores precisaram se adaptar. Sabemos que há muito, esta deixou de ser uma ciência enciclopédica e, desta forma, a sala de aula, trabalhos de campo e a interação professor-aluno são peças fundamentais para o exercício do professor de geografia nos dias atuais. Não analisamos, ao longo deste texto, o impacto da pandemia na precarização de outras disciplinas escolares, e, portanto, não poderíamos mensurar o impacto que as tais sofreram ao longo dos últimos anos. O que podemos afirmar, é que a geografia, que hoje se apresenta, como uma disciplina muitas vezes prática, foi amplamente prejudicada pelo afastamento do aluno do meio físico da sala de aula. Talvez, e só talvez, outras disciplinas escolares, como a matemática, a química, a filosofia, também tenham sido gravemente afetadas e prejudicadas por conta da pandemia recente.

Como vimos, ao longo deste trabalho, no Rio de Janeiro, aproximadamente 150 escolas “fecharam as portas” por conta da pandemia. Diante disso, nota-se que muitos professores de geografia perderam seus empregos. Concluímos que essa foi uma das causas que contribuiu para que a condição que chamamos de Precariado Professoral, aumentasse durante a pandemia. Cabe ressaltar nesse ponto, que não apenas professores de geografia perderam seus empregos. Professores de outras áreas também foram afastados por conta do fechamento de centenas de escolas privadas no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, através da aplicação dos questionários, chegamos também a algumas conclusões, as quais foram expostas acima. Por exemplo, concluiu-se que 85,7% dos entrevistados afirmou que se sente sim, inserido na camada do precariado professoral,

ou seja, a maior parte dos professores de geografia em nossa amostra, não estão satisfeitos com sua atual condição. Isso nos leva a crer que, hora ou outra, possivelmente a qualidade do ensino de geografia vai ficar comprometida. Vimos que os professores se sentem precarizados por diversos motivos, dentre eles a falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho, a ausência de reajuste salarial, o aumento expressivo das demandas burocráticas no serviço, condições de trabalho precárias, ausência de infraestrutura e, principalmente, a sobrecarga de trabalho totalmente incompatível com o salário ganho.

Também notamos que 95% dos professores de nossa amostra sentiram a intensificação da precarização durante a pandemia. Os motivos mais citados foram a sobrecarga de trabalho, a péssima remuneração e a o aumento da jornada de trabalho. Além disso, quase 60% da nossa amostra indicou que conhece algum professor de geografia que perdeu seu emprego durante a pandemia. Um número bastante expressivo. Nossa pesquisa também demonstrou que mais de 80% da nossa amostra de professores de geografia se sentiu extremamente prejudicada profissionalmente por conta da pandemia, e, 90% afirmou que a precarização do ensino gera impactos negativos para a geografia escolar. Como vimos ao longo do texto, tais impactos negativos giram em torno de uma ciência escolar que há muito deixou de ser enciclopédica e que, durante a pandemia, precisou lidar com o afastamento dos alunos do meio físico escolar. Assim, a interação entre professor aluno foi totalmente prejudicada, tal como o uso de trabalhos de campo para o ensino de geografia.

Pudemos notar ao longo deste trabalho, que os professores estão cada vez mais descartáveis, inclusive citamos que a uberização é um fenômeno mundial da nova configuração do trabalho. Tal fenômeno, como uma via de mão-dupla, causa e é causado pela falta de reconhecimento do professor enquanto profissional. Um ciclo paradoxal, o qual temos total intenção de mudar, embora saibamos o quão difícil vem sendo. A pandemia alterou de forma brutal a organização do trabalho dos professores, que tiveram, como vimos através de nossa bibliografia, sua saúde mental afetada. Gastos pessoais com internet e computadores para se manterem no mercado de trabalho foram fatores que contribuíram ainda mais para a precarização do professor. Além disso, a invasão de privacidade fez e ainda faz com que muitos professores continuem trabalhando fora de seus horários por precisarem compartilhar seu número pessoal com os alunos. Além, é claro, de precisarem dar aula com a câmera ligada dentro de suas próprias casas.

Como cita Katia Reis et al, 2020, para Freire e Faundez (2017), a expressão de resistências das classes sociais que sofrem opressão é fundamental à estruturação de planos de ação político-pedagógicos, pois a luta é educativa e as ações coletivas de trabalhador(a)s são oportunidades de aprendizagem, de produção de conhecimento e intervenção em saúde. Acreditamos, portanto, que é preciso resistir e moldar formas de mudar a realidade precária na qual a classe se encontra. Torceremos para que este trabalho incentive formas de resistência, sejam elas quais forem.

Como dizia Paulo Freire, ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática

ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. (FREIRE, 2021, p.65)

Deve-se lembrar que o momento que vivemos é considerado a maior crise global desde 1945. Além de ser um registro do que foi vivido pelos professores ao longo da pandemia, espera-se que este trabalho acabe por incentivar mais pessoas a estudarem tal tema, que, a meu ver, é tão importante para a construção da sociedade como um todo.

## 7. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. **Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho**. Bauru, SP: Canal 6, Projeto Editorial Práxis, 2013.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto. **Problema de Pesquisa**. Youtube, 18, ago, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/GgM1WgSGMtQ>>. Acesso em 09 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2017 . Apud SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro , v. 19, e00309141, jan. 2021.

LAVAL, Christian; **Escola não é uma empresa: neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019, 326 p.

LOPES, Breno de Abreu et al. **Atuação de Professores de Geografia Durante a Pandemia em 2020: Apontamentos Sobre a Prática Docente Virtualizada**. CONEDU - VII Congresso Nacional de Educação; Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos; disponível em <<https://www.conedu.com.br/evento-online/>> Acesso em 12, fev. 2021.

LOPES, Claudivan Sanches. **Aprendizagem da docência em Geografia: reflexões sobre a construção da profissionalidade/Teachers' training in Geography: the construction of the professionalism**. Ensino em Re-Vista, 17 abr. 2012.

MARTELLO, Andréa; SILVA, Jane Santos da; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação democrática, sem medo e sem mordada. Desidades**. Rio de Janeiro , n. 21, p. 94-110, dez. 2018 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822018000400008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822018000400008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 ago. 2021.

NETO, Nelson.; Coluna do Ancelmo Goes, Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/em-funcao-da-pandemia-150-escolas-particulares-fecharam-portas-no-rio.html>> Acesso em 30 Mar. 2022.

Revista Chico Bento, edição número 256, Novembro de 1996. Editora Globo.

SILVA, Amanda Moreira da, e Vânia Cardoso da Motta. 2019. **O precariado professoral e as tendências de precarização que atingem os docentes do setor público**. Roteiro, v. 44, n. 3, p. 1-20, 4 out. 2019.

SILVA, Amanda. 2020. **Da Uberização à youtuberização**. RTPS - Revista Trabalho, Política E Sociedade 5 (9), 587-610. <https://doi.org/10.29404/rtps-v5i9.698>

Site do Ensina Brasil, 2022, **Nosso Projeto**. Disponível em <ensinabrasil.org.br> Acesso em 14 Out. 2022.

SOUZA, Katia Reis. , ET AL. **Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2021, v. 19 [Acessado 11 Maio 2022] . Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>>. Epub 19 Out 2020. ISSN 1981-7746.

TARDIF, Maurice. **A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás**. Educ. Soc., Campinas, v. 34, n. 123, p. 551-571, June 2013. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302013000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200013&lng=en&nrm=iso). Acesso em 2 Fev. 2021.

Varkey Foundation, Relatório Global Teacher Status, 2018.

## ANEXOS

### Anexo I – Questionário

- 1) Você atua como professor de geografia atualmente? Se sim, indique se você atua em uma escola pública, privada ou de forma autônoma.
- 2) Neste questionário entendemos o precariado professoral como uma camada do professorado composta por profissionais que vivem sob **condições degradantes, aliando sobrecarga profissional, falta de perspectiva de uma carreira com acréscimos salariais ou licenças especiais decorrentes do tempo de serviço, baixa remuneração, insegurança, desamparo, ausência de salário no período de férias, em que não vigora o contrato, falta de reconhecimento e valorização social.**” (Silva; Da Motta, 2019, p.9). Diante disso, você se sente inserido dentro desta camada? Se se sentir confortável aponte o porquê.
- 3) Você acredita que precarização da educação, e, dentro dessa, a precarização do professor se intensificou com a pandemia de 2020/21?
- 4) Você tem conhecimento sobre escolas que encerraram as atividades durante a pandemia?
- 5) Você tem conhecimento de professores de geografia que perderam seus empregos durante a pandemia?
- 6) Pessoalmente você se sentiu prejudicado profissionalmente dentro de sua carreira como professor por conta da pandemia?
- 7) Você acredita que a precarização do ensino afeta o ensino de geografia na educação básica? Se sim, como você acredita que isso ocorre?

## Anexo II – Tabela de resposta do questionário aplicado

Carimbo de data/hora	Endereço de e-mail	Nome	Idade	Gênero	Bairro onde mora	Cidades em que lecionou
1/31/2022 12:51:39	michelvioleiro@gmail.c	Michel Couto Lopes		27 M	Icaraí	Niterói e Rio de Janeiro
1/31/2022 12:55:01	uligon@gmail.com	Ulisses dos Santos G		39 M	Inhoaíba	Rio de Janeiro e Seropó
1/31/2022 12:55:23	armandofrota.filho@gm	Armando Brito da Frota		30 M	Japiim	Manaus - AM
1/31/2022 13:28:18	stefannymonteiro@id.c	Stefanny Santos Monte		23 F	Centro - Niterói	Não leciono no momen
1/31/2022 13:42:03	nunobarros94@gmail.c	Nuno Rodrigues		27 M	Guaratiba	Rio de Janeiro
1/31/2022 13:43:38	lucas_cdz2009@hotmail	Lucas Pereira França		27 M	Campo Grande-RJ	Maricá e Nova Iguaçu
1/31/2022 13:44:25	eduardoryff@gmail.co	Carlos Eduardo Machê		50 M	Barra da Tijuca	Rio de Janeiro
1/31/2022 13:48:15	renatogarciafsp@gmai	Renato Garcia Freire S		32 M	Tijuca	Rio de Janeiro
1/31/2022 13:55:21	marcelos3@gmail.com	Marcelo Saraiva		43 M	Santa Teresa	Rio de Janeiro
1/31/2022 14:08:27	ciroferreirab@gmail.co	Ciro Ferreira		32 M	Vila Isabel	Não leciono
1/31/2022 15:45:03	amandarc.m.geo@gmail	Amanda Rodrigues Co		28 F	Centro - Nilópolis	Nilópolis, Mesquita e F
1/31/2022 17:19:37	thalesoliveirarj@gmail	Thales		25 M	Parque Fluminense	Duque de Caxias
1/31/2022 17:55:43	junimar.geoufv@gmail	Junimar José Américo		30 M	Engenho de Dentro	Nilópolis e São João d
1/31/2022 18:23:25	karinesdec@gmail.co	Karine Souto		26 F	São Bento, Duque de	Rio de Janeiro e Magé
2/1/2022 13:02:16	marviincorreia@gmail.c	Marvin de Almeida Cor		30 M	Vila Santo Antônio, D	São João de Meriti
2/1/2022 15:51:55	hirancastro1988@gma	Hiran		33 M	Vidigal	Rio de Janeiro
2/4/2022 7:49:56	profgeomarcosdavid@	Marcos David Oliveira		36 M	Santa Teresa	Rio de Janeiro
3/8/2022 18:43:55	pedroccalafate@gmail	Pedro Calafate		26 M	Gloria	Rio de Janeiro
3/8/2022 19:11:34	juu.jms@gmail.com	Juliana Moraes de Sou		30 F	Icaraí	Niterói
3/8/2022 22:47:28	marianaveiradebrito@	Mariana Vieira de Brito		35 F	Tijuca	Rio de Janeiro
3/13/2022 11:14:33	ivo_francisco@hotmail	Ivo Francisco Barbosa		35 M	Aclimação	Diadema

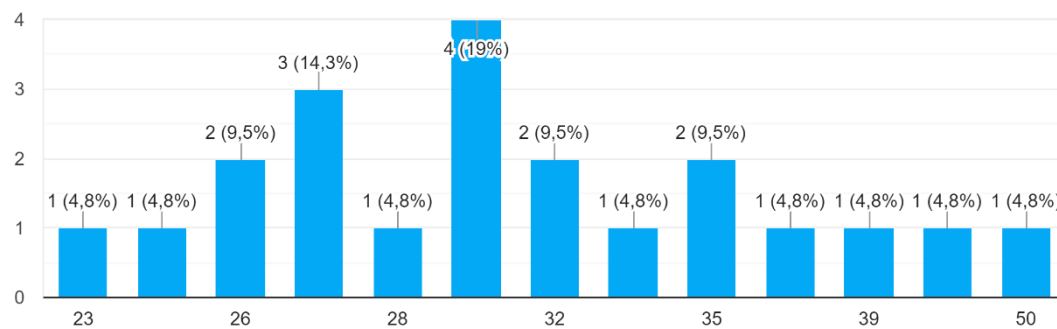
  

1)Você atua como prof2)	Neste questionário e3)	Você acredita que pr4)	Você tem conhecimento sobre5)	Você tem conhecimento de prof6)	Pessoalmente7)	Você acredita que
Sim. Em escola privada	Sim. Principalmente p	Sim.	Sim.	Não.	Sim. Afeta o ensino de te	
Redes Públicas.	Sim, me sinto parte de	Sim, acredito.	Não, mas ouço falar de escolas	Não tenho.	Sim, me obrigou a trat	Sim. Acredito que o prof
Rede pública	Sim, em especial a qu	Sim.	Sim	Sim	Não.	Sim, a geografia não é ol
Não atuo.	Sim. No momento não	Com toda certeza.	Sim, inclusive uma escola "de b	Sim (eu fui uma dessas pessoas).	Sim.	Sim. As condições degra
Sim. Privada	Sim. Me sinto inserido	Sim	Não	Sim	Sim	Sim. A falta de valorizaç
Sim. Em escola partic	Atualmente não me s	Com certeza. Muitos	Nenhuma que eu conheça	Nenhum que eu conheça	Sim. No ano de 2020 t	Acredito sim. Professore
Escola privada	A minha situação de t	Sim, pois a pandemia	Não	Não, mas me relaciono pouco com	Sim, pois trabalho em	Totalmente. A precarizaç
Sim, escolas privadas	Sim. Algumas das mir	Sim.	Sim.	Sim.	Sim, perdi tempos de	Sim, acredito que com a
Autônomo	Sim. Atuo de forma pri	Certamente. No meu c	Não.	Não.	Sim. Pelos motivos an	Certamente. A introdução
Não	Sim, me formei em 20	Sim	Não	Sim	Sim, pelo longo períod	Sim, de várias formas. U
Privada	Sim. São inúmeros m	Sim.	Tenho, duas escolas que conheç	Sim, meu marido foi um deles.	Sim, a sobrecarga de	Sim. Afeta a todas as dis
Privada	Sim. Me sinto extrem	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim. Vejo que a Geografi
Escolas públicas	Me sinto inserido. Dad	Com o ensino remoto	Sim, escolas bastante tradiciona	Sim.	Sim, com o aumento c	Afeta não só a Geografia
Sim. Privada	Sim. Atualmente mes	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim. Acredito que a prec
Atuei até dezembro de	Sim. Ausência de valo	Sim, especialmente c	Sim.	Sim, eu. Motivo: demonstrar insatis	Sim. Através do aume	Sim. Através da redução
Não	Sim. Conforme o relat	Absolutamente. A sob	Não.	Não, porém dificultou a contrataç	Sim. Neste ponto pos	Sim. A falta de reconhec
Privada	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Não	Não.
Pré-Vestibular Social	Sim, trabalho sem car	Sim	Não	Sim	Sim, os concursos ain	Claro, sem salários dign
Atuo na rede privada.	Acho que é um pouco	Acredito que sim. Con	Não	Não	Sim. Trabalhar com ec	Sim. O ensino de Geogr
Sim, no primeiro ano c	Sim, possuo pouco te	Ainda estou trabalhan	Não	Não	Sim, precisei aprender	Com certeza. Professore
Sim. Também atuo na	Sim, leciono três disci	A pandemia agregou f	Não	Não	Não prejudicado, poré	Não consigo responder e

**Anexo III – Idade dos entrevistados**

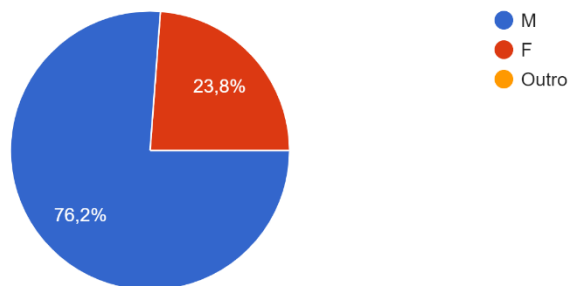
Idade

21 respostas



**Anexo IV – Gênero dos entrevistados**

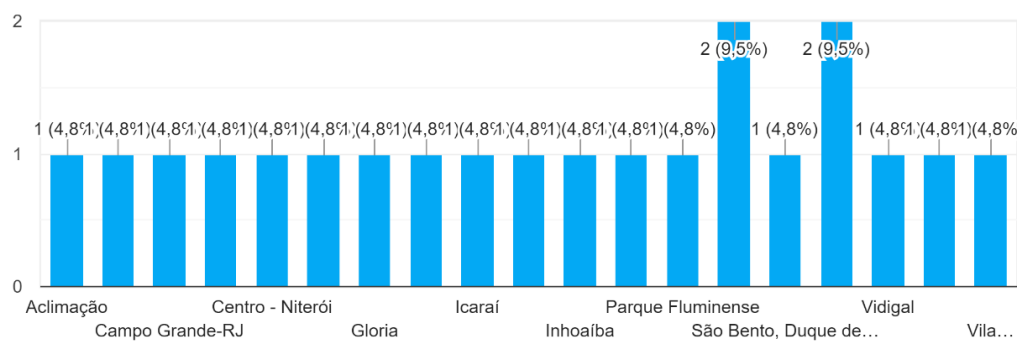
Gênero  
21 respostas



## Anexo V – Bairro onde moram os entrevistados

Bairro onde mora

21 respostas



## **8. AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me fazer chegar até aqui apesar de todas as dificuldades e sobrecargas tão debatidas nesse presente artigo.

Agradeço ao suporte prestado pela minha família.

Agradeço a toda equipe de professores que, durante a pandemia, foram de uma dedicação extraordinária.

Agradeço em especial à minha orientadora Lucia, pois foi extremamente paciente e competente ao longo de todo o trabalho.

Agradeço aos colegas de curso, pois sempre houve muito apoio mútuo.